

Clare Swatman

Antes de Ires

Tradução
Mário Dias Correia

 Planeta

Para o Tom, o Jack e o Harry

Prólogo

29 de Junho de 2013

Está um dia de calor e a alegre luz do Sol realça ainda mais, pelo flagrante contraste, a sua sombria tristeza. Pálida, o rosto inexpressivo, Zoe apeia-se do carro preto e avança com passos instáveis para o baixo edifício de tijolo à sua frente. A mãe, Sandra, apressa-se a alcançá-la e segura-lhe o cotovelo num gesto protector.

À direita das portas duplas há um grupo de pessoas, as suas sombras encurtadas pelo sol do meio-dia. Zoe não consegue distinguir quem são, a claridade ofuscante transformou-as em pouco mais que silhuetas. Algumas fumam, sopram baforadas irregulares de fumo para o ar quente do Verão. Vêm-na aproximar-se, e uma delas faz-lhe um tenso sorriso de saudação. Zoe não repara.

No interior, mãe e filha encaminham-se, rígidas, para a primeira fila de cadeiras. Susan, a sogra de Zoe, já lá está. Tem os olhos vermelhos e inchados, apesar da maquilhagem que aplicou com meticuloso cuidado, e consegue esboçar um débil sorriso quando se sentam a seu lado. Num gesto instintivo, Zoe estende a mão, agarra a dela e aperta-a com força em cima da cadeira que as separa.

Ouvem lá atrás os movimentos, o fungar e os murmúrios dos outros enlutados que vão ocupando os respectivos lugares. Mas é o que está à frente delas que lhes prende toda a atenção; o caixão de Ed, pousado sobre uma mesa como o trono de um rei sobre um estrado. Zoe olha para a inócua caixa de madeira e não é capaz de acreditar que o corpo do marido, tão forte, tão vibrante, tão cheio de vida, está ali fechado. É irreal.

É injusto.

Também estava calor no dia em que ele morreu. Zoe andava a correr de um lado para o outro, como sempre, a atirar coisas para dentro da mala: computador, agenda, maçã, telemóvel, *Diet Coke*, livro, *iPad*.

– Põe mais qualquer coisa aí dentro e vais precisar de um cavalo de carga para chegar ao trabalho – comentou Ed sem parar de escovar os dentes. Um fio de pasta escorreu-lhe pelo queixo e caiu no chão do corredor.

Ela rolou os olhos para o tecto.

– Pelo amor de Deus, Ed – disse, a sentir o mau génio crescer.

Sabia muito bem que estava a exagerar, que ele só tinha querido aligeirar o ambiente, mas era mais forte do que ela. Entrou de rompante na casa de banho, arrancou um monte de folhas ao rolo de papel higiénico e inclinou-se para limpar a pasta do chão. Ao esfregar, uma das unhas prendeu-se na frincha de uma tábua e partiu-se.

– Mas que merda! – resmungou, e sentiu a fúria subir-lhe à garganta, como bñlis.

Voltou à casa de banho, abriu com um violento puxão a porta do armário e remexeu o interior à procura da tesoura das unhas. Estava atrasada, Ed estava a chateá-la, só queria sair de casa. Encontrada a tesoura, aparou a unha partida, atirou a tesoura para dentro do armário e bateu com a porta.

Ao sair da casa de banho, viu Ed refugiado na sala de estar, a tentar manter-se longe do seu caminho. Não podia censurá-lo. Andava sempre zangada, nos últimos tempos, uma raiva inexplicada que borbilhava abaixo da superfície, pronta a explodir a qualquer momento. Mas saber que a raiva estava lá não significava que conseguisse contê-la. Eram as hormonas, sabia. Sempre as malditas hormonas.

Abriu com a mesma violência a porta do guarda-fato para tirar as sandálias. Ao enfiar a cabeça no armário, ouviu a voz abafada de Ed dizer qualquer coisa na outra sala.

– O quê? – gritou, a pôr a cabeça um pouco de lado para ouvir melhor. Ele apareceu à porta do quarto, a afivelar o capacete de ciclista.

– Vou trabalhar. Até logo.

– Adeus.

Curto e seco. Não estava com disposição para conversas, e Ed sabia-o. Fez meia volta e saiu. Segundos depois a porta fechou-se com força e ouviu o tilintar da corrente quando ele tirou o cadeado da bicicleta e partiu a pedalar. O seu coração teve um estremeamento de remorso, mas ignorou-o e voltou ao guarda-fato.

E aquela foi a última vez que o viu vivo.

Só soube a notícia muito mais tarde. Tinha estado toda a manhã numa reunião e, quando saiu, Olive, a sua chefe, estava à espera junto da secretária dela, a cara cor de cinza.

– Olive, aconteceu alguma coisa? – perguntou Zoe.

Olive não disse nada durante alguns segundos e Zoe começou a ficar preocupada. Ter-se-ia enganado em qualquer coisa? Estaria metida em sarilhos?

– Vem comigo – pediu Olive.

O seu tom não foi duro e zangado, muito pelo contrário, foi gentil e tranquilizador, o que deixou Zoe ainda mais confusa. Foram até à sala de reuniões de onde Zoe acabava de sair e Olive fechou a porta depois de entrarem.

– Senta-te – disse, apontando para a cadeira ao lado da que acabava de ocupar. – Por favor.

Zoe puxou a cadeira e empoleirou-se na beira, nervosa. As mãos começaram a tremer-lhe.

– Zoe, não sei como dizer-te isto – disse Olive, sem mais preâmbulos.

– O Ed teve um acidente. Foi atingido por um autocarro.

Calou-se e Zoe reteve a respiração, a querer que Olive dissesse depressa as palavras seguintes, para acabar com aquilo, e ao mesmo tempo a não querer ouvi-las, não de verdade, não em voz alta.

Uma leve pancada na porta quebrou o terrível silêncio e Zoe quase deu um salto na cadeira. Olive apressou-se a abrir. Zoe também se voltou, e quando o fez o seu mundo desmoronou-se.

Estavam dois agentes da polícia à porta. Perguntaram por ela.

Em vez de palavras, escapou-se-lhe da garganta um soluço estrangulado. Tentou pôr-se de pé, mas as pernas não a suportaram e voltou a cair na cadeira. Tinha as mãos a tremer e quando a agente da polícia entrou na sala olhou para Olive, os olhos a suplicarem que lhe dissesse que tinha

havido um terrível, um pavoroso engano. Mas Olive não conseguiu enfrentar-lhe o olhar.

Zoe olhou para os sapatos da agente. Estavam tão lustrosos que o clarão das luzes fluorescentes do tecto se reflectia neles. Imaginou-a a preparar-se para ir para o trabalho naquela manhã, de pé na cozinha, a puxar o lustro aos sapatos e a pensar no dia que ia começar. Ter-lhe-ia passado pela cabeça que mais tarde nesse dia ia ter de dizer a alguém que o marido morrerá?

Continuou calada, de olhos postos no chão.

– Zoe? – disse uma voz.

Ergueu a cabeça. Havia três rostos a olhar para ela, à espera que dissesse qualquer coisa.

– Eu... eu... – As palavras não saíam. – Onde está ele? – conseguiu por fim dizer, num grasnido.

Aliviado por poder por fim intervir, o agente masculino avançou um passo.

– Levaram-no para o Royal Free – disse. – Lamento muito, mas... não havia nada que os médicos pudessem fazer. Podemos levá-la lá, se quiser.

Atordoada, Zoe assentiu com a cabeça e pôs-se de pé. Olive correu à frente deles, desejosa de ter qualquer coisa útil que fazer.

– Vamos buscar as tuas coisas, querida – disse, pegando no cotovelo de Zoe, e encaminhou-a para a porta.

Na sua secretária, Zoe inclinou-se para apanhar a mala do chão, escrutinou o tampo para se certificar de que não deixava nada para trás.

Depois, ela e Olive seguiram os dois agentes até à rua e aquela ajudou-a a entrar para o carro da polícia que esperava. A rua estava estranhamente silenciosa. Sabia, no fundo da mente, que tinha de avisar as pessoas do que acontecera. Por isso, enquanto o carro avançava quase sem ruído em direcção ao hospital, pegou no telemóvel e marcou um número familiar. Primeiro Jane. A sua melhor amiga.

– Ei – disse Jane, atendendo ao primeiro toque. A voz foi alegre e animada, e pareceu tão incongruente que Zoe arquejou.

– Zo, que se passa?

– O Ed... – A voz quebrou-se-lhe enquanto se debatia com as palavras. – É o Ed. Está... houve um acidente e...

Não conseguiu acabar. Não era capaz de dizer a palavra. Não precisava.

- Merda, Zo, onde estás? Vou para aí.
- Royal Free – disse, a voz reduzida a um murmúrio.
- Vou a caminho.

Quando desligou a chamada estavam a parar em frente do hospital. Não tinha tempo para ligar a mais ninguém. O Sol, já baixo por trás do edifício de tijolo, dava-lhe um estranho aspecto de silhueta gótica contra o céu de um azul muito límpido. Saiu do carro. As pernas tremeram-lhe e cambaleou e a agente – desejava tanto lembrar-se do nome dela – segurou-lhe o cotovelo para a apoiar. Caminharam juntas até às portas e, quando estas se fecharam, Zoe teve a sensação de estar a ser engolida pelo inferno.

Levaram-na para uma fila de cadeiras numa pequena sala escondida nas profundezas do hospital. Enquanto esperava olhou às cegas para os cartazes a respeito de aconselhamento em situações de luto e depressão que cobriam as paredes, leu as palavras mas não as assimilou. O esforço de manter a mente vazia estava a exigir toda a força que lhe restava. Então ouviu uma voz familiar e ergueu a cabeça e lá estava Jane, que correu para ela através da minúscula sala e então tinham os braços à volta uma da outra e Zoe estava a soluçar: soluços enormes, convulsivos, dilacerantes, que pareciam ir parti-la em duas.

- Ele... ele morreu – balbuciou, entre as grossas lágrimas e o ranho que lhe escorriam pela cara.

- Oh, Zoe, Zoe, Zoe – murmurou Jane enquanto abraçava a amiga e lhe acariciava as costas. Ficaram assim até que os soluços de Zoe abrandaram, e depois sentaram-se, de mão dada.

- Fui tão horrível com ele esta manhã – disse Zoe, quando a sua respiração começou a normalizar. – Ele nem conseguia olhar para mim. Detestava-me, Jane.

- Zoe, o Ed nunca poderia detestar-te. Adorava-te e sabia que tu o amavas. Por favor, não penses uma coisa dessas.

- Mas eu estava tão zangada com ele e ele não tinha feito nada de mal. Nem me despedi dele e agora ele partiu e não posso dizer-lhe quanto o amo. Que vou fazer agora?

Antes que Jane pudesse responder, o médico estava ali e elas estavam a ser levadas para o lugar onde Ed se encontrava, para a identificação do corpo. Zoe ouviu, aturdida, os médicos explicarem que Ed tinha sido atingido por um autocarro, que não tivera a mais pequena hipótese, que já estava morto quando chegara ao hospital. As palavras «trauma cerebral maciço» e «nada que pudéssemos fazer» entraram-lhe e saíram-lhe da cabeça, mas não conseguia suportar a ideia de Ed cheio de dores, a sofrer. Só conseguia pensar no porquê. Por que o deixara sair de casa sem dizer que o amava? Se tivesse atrasado a saída dele, por uns instantes que fosse, com um abraço, agora ele estaria vivo, e poderiam ter resolvido tudo; tinha a certeza de que sim. Se o tivesse levado ao emprego de carro em vez de o deixar ir de bicicleta – odiava aquela mania de ir de bicicleta, a ideia de ele poder ser atropelado e ficar ferido aterrorizava-a...

Agora era demasiado tarde. Ed estava morto.

Oh, meu Deus, Ed estava morto.

Atordoada, foi conduzida até à cama onde o corpo de Ed jazia. Apesar dos ferimentos – tinham-no lavado o melhor possível, mas ainda havia vestígios de sangue na cara e no peito – era o seu Ed ali deitado, e o impulso de estender as mãos e tocar-lhe, abraçá-lo e dizer-lhe que ia ficar tudo bem, foi avassalador. Mas sabia que não podia. Em vez disso fez meia volta e afastou-se, com Jane a segurá-la pelos ombros.



As horas que se seguiram são uma mancha difusa. Lembra-se de lhe terem levado chá, de abraços e palavras de conforto, do barulho das rodas dos carrinhos que atravessavam a sala dos familiares onde estava sentada à espera. Então Susan, a mãe de Ed, tinha chegado, e as duas mulheres agarraram-se uma à outra, unidas num desgosto que ameaçava esmagá-las.

E agora estão aqui outra vez. Passaram só dez dias e a dor é tanta que Zoe mal consegue acreditar que ainda respira.

Um soluço desgarra-lhe o peito e escapa-se-lhe da boca, que tapa com uma das mãos a tentar recompor-se. A mãe aperta-lhe a outra com mais força.

E a cerimónia começa.

Zoe está sentada, direita e de olhos secos enquanto o celebrante pronuncia palavras gentis a respeito do marido.

E então é a sua vez. Não tem a certeza de conseguir fazer aquilo, mas prometeu a Susan, e quando sobe ao pódio, a segurar uma amarrotada folha de papel, e olha para o mar de rostos, todas aquelas pessoas que amavam Ed, que a amam a ela, sabe que tem de dizer qualquer coisa. Aproxima-se do microfone.

– Tinha escrito aqui algumas palavras que queria dizer, mas agora não tenho a certeza de que sejam as certas. – A voz quebra-se-lhe um pouco e Sandra começa a levantar-se, mas ela abana muito ao de leve a cabeça e faz uma longa e trémula inspiração. – Durante os últimos quinze anos, o Ed foi o meu mundo. Representava tudo para mim e a verdade é que a ideia de continuar num mundo sem ele é como a perspectiva de atravessar um grande deserto sem sinais de água. Já me parece meia vida, e ainda agora ele acaba de partir. E sei que se diz que o tempo cura tudo, mas acho que não quero que cure isto. Não quero que a recordação dele, do que tínhamos juntos, se esbata e desapareça. Quero conservá-la comigo para sempre, para me ajudar a enfrentar os dias negros que sei que aí vêm.

Faz uma pausa, olha para as mãos enclavinadas na estante à sua frente, os nós dos dedos brancos.

– Hei-de desejar sempre ter dito coisas que não disse e não ter dito coisas que disse, e hei-de desejar sempre poder mudar coisas que fiz no dia em que ele morreu e nos meses e anos antes disso. Mas não posso, e por isso vou tentar conservar comigo os momentos felizes e esquecer os maus...

Volta a parar, ergue os olhos e encontra os de Jane. O rosto da amiga está pálido, tenso, uma versão desbotada da Jane de todos os dias.

– Espero que todos consigam fazer o mesmo. Recordar o Ed com amor. Estou contente por estarem todos aqui. Não sei se teria conseguido aguentar sem vocês. Obrigada...

E então a voz quebra-se-lhe, as lágrimas começam a deslizar e volta a correr para o seu lugar e para os braços da mãe.

A cerimónia continua, mas Zoe mal consegue ouvir as palavras. Quando acaba, é puxada uma cortina à volta do caixão, a canção preferida de Ed, *Under My Thumb*, dos Rolling Stones, começa a tocar.

Clare Swatman

– Não! – grita Zoe, e então volta a cabeça, esconde a cara nas mãos e deixa as lágrimas correrem livres. Quando torna a olhar, Ed desapareceu.

16 de Agosto de 2013

De pé junto à janela, Zoe esfrega a cabeça com as mãos e vê a chuva correr em riachos pelo vidro sujo, deixando-a ainda mais abatida. O martelar da chuva na janela parece-lhe o rufar distante de um tambor a espelhar o bater do seu coração, e não saberia dizer onde acabam as gotas de chuva e começam as suas lágrimas.

Vê o jardim lá fora, como uma imagem desfocada; passaram menos de dois meses, mas já tem um ar de abandono, ocupado por ervas e mato numa invasão descontrolada. As rosas do vaso pendem vergadas pelo seu peso; tufos de erva e até alguns cactos erguem-se, orgulhosos, na estreita faixa de terra, o estrado de madeira está escorregadio devido ao musgo e à chuva. Fecha os olhos por um breve instante e vê Ed, dobrado pela cintura, a plantar, a podar, a mondar. Este minúsculo jardim era a sua alegria, o seu orgulho; foi uma das razões por que compraram o apartamento. Devia ter cuidado dele com deve ser, mas ainda não conseguiu sair de casa. Até a ideia de olhar para ele sem Ed a seu lado é como um peso a esmagar-lhe o coração.

Enfia a mão no bolso do casaco de malha e toca na embalagem de papel estanhado que lá está. Olha para o relógio. Só passaram duas horas desde que tomou o último e os comprimidos fazem-na ficar um pouco zozna. Mas está a precisar muito de um. É um antidepressivo; está deprimida. A conclusão é óbvia. Enfia o comprimido na boca e engole-o a seco; quase se engasga.

Volta costas à janela, dirige-se à cozinha e destranca a porta das traseiras. A chave não quer colaborar e forceja um pouco. Então, por fim, a chave roda com um estalido e Zoe puxa a porta para si e sai. Chove tanto que os cabelos lhe ficam colados à cara quase no mesmo instante, mas mal repara. Atravessa o saibro e sobe para o estrado de madeira; inclina-se para a frente e arranca um cardo, alheia aos espinhos que lhe rasgam a pele. Atira-o para o chão, furiosa, e então volta-se e puxa outro, faz o mesmo. A fúria corre-lhe no sangue e começa a arrancar as ervas umas atrás das outras, sem ver o que faz. As plantas voam pelos ares, as pétalas são arrancadas das flores; está a descarregar a sua raiva no sítio que Ed mais amava. Não está a fazê-la sentir-se melhor, mas não consegue parar.

A chuva continua a martelar-lhe a cabeça, a fazer as roupas colarem-se-lhe à pele, mas não tem frio; não sente nada. Por fim, quando não resta nada para arrancar, volta-se e pisa o monte de folhas encharcadas que criou, a água a pingar-lhe das sobrancelhas, dos lábios, das faces. Põe um pé no estrado e faz um gesto para voltar a casa, mas o pé desliza no piso molhado e escorregadio, salta para a frente. Zoe perde o equilíbrio e o seu corpo inclina-se para trás, como que em câmara lenta; agita os braços, à procura de qualquer coisa a que se agarrar, qualquer coisa que trave a queda. Mas não há nada, e ela sente o estômago subir-lhe à garganta enquanto cai de costas no chão molhado. Parece-lhe que grita, mas não tem a certeza. Bate com a nuca na beira de um vaso de barro, ressalta e embate no chão com uma pancada nauseante. A dor é intensa, mas passa depressa quando perde os sentidos e fica tudo negro.

Capítulo 1

18 de Setembro de 1993

No instante em que acordo, ainda de olhos fechados, sei que alguma coisa mudou. Enquanto me esforço por perceber o quê, a minha mente é atravessada por um pensamento louco: talvez isso seja apenas um pesadelo e afinal o Ed não esteja morto. Então volto a lembrar-me de tudo e o estômago contrai-se-me, os músculos ficam tensos e sinto-me como se o delicado fio que me mantém presa à Terra, à minha vida, estivesse em perigo de partir-se para sempre.

O que é, então, que este dia tem de tão diferente?

Sei, mesmo de olhos fechados, que o quarto está inundado de luz, o que é estranho, para começar. Gosto do quarto às escuras. Ter-me-ei esquecido de baixar as persianas ontem à noite?

E então há qualquer coisa que fica a pairar no meu espírito. Nada de nítido, mas há ali uma vaga recordação, a esconder-se nas sombras, a tentar fugir-me. Estava no jardim. Chovia a cântaros e eu tentava arranjar ervas daninhas, como uma louca; lembro-me disso. Mas não me lembro de muito mais. Há um espaço em branco salpicado de uma ou outra imagem nítida: cair, uma dor na cabeça, rosas, a cara da Jane, brilhantes luzes fosforescentes... e depois nada.

Estarei num hospital? Talvez seja isso. Caí, bati com a cabeça e agora estou aqui, numa cama de hospital, a salvo.

Faz sentido, mas, não sei porquê, não me parece que seja isso que o dia de hoje tem de tão diferente.

Mantenho os olhos fechados durante mais um minuto e fico à escuta, atenta aos sons à minha volta. Ouço o radiador estremecer, como se o aquecimento acabasse de ser ligado. Detecto o rumor distante de um rádio e barulhos como os de alguém a fazer qualquer coisa na cozinha, o zumbido de um chuveiro eléctrico, alguém a assobiar. É familiar, e ao mesmo tempo nem por isso, e não são de certeza os sons de um hospital.

Por fim, tento abrir os olhos e um mundo desfocado vai ganhando pouco a pouco nitidez. Consigo distinguir um tecto branco, coberto com as mesmas volutas e semicírculos do tecto do meu quarto de infância. Estranho, há anos que não via este padrão. Até tem uma pequena marca cor-de-rosa igual à que um dia fiz no tecto do meu quarto em casa quando atirei um batom à minha irmã e falhei. Abano a cabeça, confundida pela recordação. O candeeiro de abajur cinzento suspenso do meio também é familiar, a puxar-me pela mente como uma criança a puxar-me pela aba do casaco, a querer a minha atenção, a querer que a recordação encaixe no seu lugar.

Rodo os olhos para a direita. Há lá uma cómoda de pinho, coberta de autocolantes, e um espelho por cima, com lâmpadas à volta. Está vazio de artigos de *toilette*, mas continua a ser tão familiar que me deixa sem respiração.

Sento-me direita na cama, com o coração a bater muito depressa.

Tenho medo de continuar a olhar em redor, mas é preciso. Volto a cabeça e vejo o guarda-fato de pinho que sabia que ia ver, com uma porta aberta, uma fila de cabides vazios no interior. À frente dele está uma mala de viagem preta, e uma caixa de cartão onde alguém rabiscou com um marcador preto *Coisas da Zoe!* e uma cara sorridente a deitar a língua de fora. Por cima há uma caixa de vinho com um rótulo da Threshers, fechada com fita adesiva branca e a palavra *Aviso* escrita a toda a volta em gritantes letras encarnadas. Sei sem precisar de ir ver que contém os meus preciosos CDs, todos escolhidos com amoroso cuidado na noite anterior.

Passo os olhos pelo quarto. Um cabide vazio na porta, onde deveria estar um roupão; o meu velho leitor de CDs no chão, embrulhado em plástico com bolhinhas; uma secretária despojada de papéis e canetas, só

com uma caneca solitária de cuja beira sobressaem dois lápis mal afiados e um marcador. É o meu antigo quarto, e está tal e qual o deixei no dia em que fui para a universidade.

O coração continua a martelar-me o peito e inspiro fundo duas ou três vezes, a tentar acalmá-lo. Não é nada de preocupante, apenas um sonho. A tua mente a pregar-te partidas. Torna a adormecer e quando acordares terá tudo voltado ao normal, seja lá o que isso for.

Deito a cabeça na almofada e fecho os olhos, mas não consigo resistir, e quando volto a espreitar nada mudou.

Que raio se passa aqui?

Afasto o edredão, rodo as pernas por cima da beira da cama e dirijo-me com passos cautelosos ao espelho por cima da cómoda. Está mais ou menos à altura da cintura e à medida que me aproximo começo por ver os calções do pijama e o começo da parte de cima. Pijama. Há dezoito anos que não uso pijama. Não sei muito bem se estou preparada para o que vou ver, mas mesmo assim sento-me com cuidado na beira do banco e espreito para o espelho.

Arquejo. Não por ser horrível. Sou *eu*. Mas não o eu de trinta e oito anos, com olheiras e finas rugas por baixo dos olhos e um fundo V desenhado na testa, que estou habituada a ver. É um eu de dezoito anos, com faces coradas e sem rugas... e maquilhagem preta esborratada debaixo dos olhos que me faz parecer a Alice Cooper. Os meus cabelos estão pintados de um estranho roxo-avermelhado e espetam-se-me à volta da cabeça como um halo. Levo à cabeça uma das mãos que treme e tento baixá-los, e então fixo no meu reflexo uns olhos semicerrados e faço uma cara feia. A minha testa não se enrugam nem franze como costuma fazer, pelo contrário, mantém-se lisa e elástica.

Rio alto. O som é inesperado e faz-me dar um salto. É um som que não ouço há muito tempo. Mas parece apropriado, porque isto é completamente ridículo.

Como pode estar a acontecer?

Considero a possibilidade de voltar para a cama, enterrar a cabeça debaixo da almofada e fingir que não está. Mas a curiosidade leva a melhor. Estou aterrorizada e confusa, mas também cheia de curiosidade de ver o que vai seguir-se. Porque a verdade é que sei que isto é mais do

que um simples sonho. Não sei como, mas sinto-o. Parece... real. É como se estivesse de verdade aqui, por muito louco que isso possa parecer.

Mas não faço ideia do que fazer. O que *faz* uma pessoa quando acorda na sua antiga vida? Há algum manual de instruções, um conjunto de regras a seguir? E quanto tempo vai passar até que acabe e eu volte à minha verdadeira vida? Um dia, uma semana, um mês? Para sempre? O pensamento faz-me estremecer.

Levanto-me do banco. Há um monte de roupa aos pés da cama, amarrotada pelos pontapés que lhe dei enquanto dormia. Lembro-me com perfeita nitidez de ter passado séculos a escolher o que ia vestir hoje, para o meu primeiro dia na universidade. Ia mudar-me para Newcastle e estava excitadíssima. Assustada, também, mas sobretudo excitada.

«Mal posso esperar por sair daqui», tinha dito à Amy, a minha melhor amiga. Mas era só fanfarronice. A verdade era que adorava a nossa casa em Doncaster, com a mamã e o papá e a minha irmã mais nova, a Becky. Queixava-me, claro. Mas sabia que a mamã e o papá me amavam e aquele era o único mundo que conhecia. Ir viver para Newcastle, onde não conhecia ninguém, ia ser uma enorme mudança. Tenho dificuldade em acreditar que alguma vez fui esta rapariguinha assustada.

Dispo o pijama e enfió a roupa que está aos pés da cama: um par de *collants* às riscas pretas e brancas, um vestido preto, justo e curto, e um velho casaco de lã vários tamanhos acima do meu. Olho para mim mesma. Por estranho que pareça, sinto-me bem. Volto os olhos para a mesa-de-cabeceira. Estou à procura do telemóvel e faço «tsk» com a língua (pergunto-me se estarei a fazer o mesmo no meu sono e sorrio ao pensar em como deve parecer estranho se estiver alguém a ver). Estamos em 1993. Não tinha telemóvel em 1993. Ninguém tinha, excepto os homens de negócios com os seus enormes e desajeitados tijolos colados ao lado da cabeça. Em vez disso, o meu rádio-relógio diz-me as horas: 08 h 10 m.

Desço ao piso térreo para ver o que se está a passar.



Lembro-me de a mamã me ter dito uma vez que quando eu saísse de casa para ir para a universidade ia chorar durante três dias inteiros. Nunca

acreditei. Não é muito de choros, a minha mãe, sempre demasiado ocupada a cuidar de alguém para ter tempo para ter pena de si mesma. Achei muito pouco provável.

Mas quando desço a escada espreito pela fresta da porta da cozinha e fico a observá-la durante um minuto sem que ela me veja. Parece tão nova. Os seus cabelos já não são grisalhos, são castanho-escuros. Além disso está mais magra, e veste uma blusa em vez dos eternos camisolões da M&S que agora prefere. Está muito bonita. Já não me lembrava de que tinha sido assim bonita. Uma voz no rádio diz qualquer coisa que não distingo. A mamã está a tirar pratos e copos da máquina de lavar louça com uma das mãos, devagar, e na outra aperta um lenço de papel com o qual limpa de vez em quando os olhos avermelhados. O meu coração incha de amor por ela.

Então a Becky aparece a correr escada abaixo e quebra o feitiço.

– Que estás aí a fazer? – pergunta, e eu fico a olhar para ela incapaz de responder. Agora, quando olho para a Becky fico sempre espantada por me parecer tão adulta. Quatro anos mais nova do que eu, sempre a vi como a minha irmã bebé, e vê-la como uma adulta nunca deixa de me baralhar. Esta que está aqui à minha frente é a Becky que sempre foi na minha imaginação.

O que, claro, prova também outra coisa: a Becky consegue ver-me, o que de certo modo significa que tudo isto é real.

Sem esperar por uma resposta, a minha irmã passa por mim e entra na cozinha.

– Mamã-ã, onde estão as minhas coisas do hóquei? – guincha.

A mamã endireita-se.

– Ali, querida – diz, a apontar para um monte de roupa acabada de engomar em cima da bancada. Deus a abençoe, tem a paciência de um santo.

Então a mamã repara em mim e esboça um débil sorriso.

– Olá, querida. Preparada para ir, não é?

Portanto a mamã também consegue ver-me. Certo. Inspiro fundo e faço-lhe um sorriso hesitante. Em circunstâncias normais teria dito qualquer coisa insolente, tipo: «Iá, mal posso esperar por sair daqui.» Mas depois de a ter visto tão triste um minuto atrás, não tenho coragem.

Aproximo-me dela e abraço-a. Parece surpreendida e demora alguns segundos a retribuir o abraço. Mas quando cheiro o aroma a lírios-do-vale do sabonete que usa, sinto uma pontada de saudade de como a vida costumava ser simples. Quem me dera que continuasse a ser assim. Quem me dera só ter de pensar em sair de casa, o que quero para o pequeno-almoço e fazer novos amigos.

Recuo e noto a fugaz expressão de perplexidade que perpassa pelo rosto da minha mãe. Deve estar a perguntar-se por que a abracei. A eu adolescente não se comporta assim – está demasiado ocupada a preocupar-se consigo mesma para reparar que a mamã está triste, muito mais capaz de ignorá-la e sujar a cozinha que ela acabou de limpar do que de abraçá-la porque ela parece perturbada.

Portar-me como uma adolescente vai ver difícil. Já não sou essa pessoa. Mas vou ter de tentar.

Afasto-me e encho a chaleira de água.

– Chá? – pergunto, sem me dirigir a ninguém em especial.

– Sim, querida, obrigada.

– Já – grunhe a Becky, que está junto ao armário a tirar *Cheerios* da caixa e a enfiá-los na boca como se não comesse há um mês.

Ligo o interruptor e ponho os pacotes de chá nas canecas antes de me sentar à mesa para esperar que a água ferva.

– Onde está o papá? – pergunto. Estou mortinha por voltar a vê-lo.

– Oh, saiu um bocadinho para ir buscar o jornal – diz a mamã, e faz o gesto de aspas com os dedos. Todas sabemos que quando o papá sai para «ir buscar o jornal» significa que foi fumar às escondidas. Volta sempre a cheirar a tabaco, e há sempre o revelador volume de um maço no bolso da camisa, mas todas fingimos que não sabemos, e ele faz o mesmo. Não sei por que nos damos ao incómodo. Rolo os olhos nas órbitas e vejo a mamã andaricar de um lado para o outro na cozinha. Abre gavetas, limpa manchas imaginárias da bancada, inclina-se para apanhar *Cheerios* que caíram aos pés da Becky.

– Não ande a limpar a porcaria que ela faz, ela é mais do que capaz – digo, a fazer um gesto de cabeça na direção do rasto de *Cheerios* que a Becky deixa atrás de si, como o Hansel e a Gretel.

– Cala a boca – protesta a Becky, furiosa.

– Não faz mal, querida, não me importo. Estou a fazer a limpeza, de todos os modos.

– Mas...

Calo-me. Não suporto ver a mamã ser tratada como uma criada, mas tenho plena consciência de que eu costumava fazer o mesmo, de modo que mordo a língua. Em vez disso levanto-me da mesa e deito a água a ferver nas canecas. Acrescento leite a todas, adoçante para a mamã, uma colher de açúcar para a Becky, só chá para mim.

– Queres comer qualquer coisa, querida?

Dói-me a cabeça. Massajo ao de leve as têmporas.

– Não, obrigada. Acho que vou levar o meu chá para cima e acabar de me preparar.

– *Okay*. Até já, então. Não demores muito, o teu pai quer sair cedo.

Assinto com a cabeça e subo a escada. Pouso com cuidado a caneca no chão, ao lado da cama e volto a deitar-me. Preciso de um momento para pensar.

Não sei quanto mais deste dia vou voltar a ver, mas é estranho saber o que vai acontecer a seguir. Dentro de um par de horas, o papá, a mamã e eu vamos enfiar os meus poucos pertences no carro, dizer adeus à Becky, que foi autorizada a ficar em casa para poder ir ao treino de hóquei e encontrar-se com as amigas para almoçar na cidade, e então chegarei a Newcastle, com o coração a martelar-me o peito acicatado pelo medo enquanto percorremos as ruas desconhecidas. Quando chegarmos, descarregaremos o carro e eu ficarei entregue a mim mesma, pela primeira vez na vida. Só eu e os meus novos parceiros, com quem vou partilhar a casa alugada.

É então que o pensamento me atinge como um comboio a toda a velocidade, com tanta força que fico sem respiração. Não posso crer que levei tanto tempo a lembrar-me.

Foi neste dia – no real, pelo menos – que pus pela primeira vez os olhos no Ed. O meu Ed, que choro sem parar há dois meses, cuja morte me deixou quebrada e perdida e zangada.

Rolo para o lado e agarro-me à barriga, a respirar em haustos entrecortados.

Poderá isto significar... Quase não me atrevo a formar a ideia...